Jornal da Brasileira

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.16 NÚMERO 01 AGOSTO 2012

Amizade e psicanálise: uma relação possível

"Sinto nossa Sociedade em momento de expansão criativa" | **Helena Surreaux** | **p. 3**

De uma simples ideia, para novos encontros

Ao pensar no que escreveria neste espaço, lembrei de um comentário atribuído à Rita Lee sobre a maternidade, em que teria dito que fora advertida sobre as dificuldades e preocupações inerentes a esta condição, mas nunca falaram da alegria criativa que é ser mãe. É um pouco assim que me sinto em relação à coordenação da gestação e do nascimento deste número do jornal: descobri o quanto pode ser também prazerosa e criativa esta tarefa, que nasce de uma simples ideia, que se ramifica, fortalecendo vínculos já existentes e proporcionando novos encontros.

Este número do Jornal registra o começo de uma nova gestão, na Sociedade, na qual assumi a Diretoria de Comunicação. E traz a marca da transicionalidade ao escolher como eixo-temático uma ideia de Gley P. Costa - presidente da gestão anterior de nossa Sociedade. Inicialmente, o tema foi pensado em forma de pergunta, mas acabou por se pronunciar como uma afirmação - Amizade e Psicanálise: uma relação possível.

Uma vez acolhido com muita simpatia e interesse, o tema da amizade e sua relação com a psicanálise, nos constituímos em "5 editores em busca de autores". O que de fato não foi nada difícil. Os autores foram sendo contatados e acolheram a ideia tão prontamente quanto nós. O desafio de tratar de um assunto tão aparentemente prosaico e tão pouco visitado pela psicanálise, de maneira a acrescentar novos olhares, acabou por instigar não só a nós mas aos autores consultados.

Os trabalhos publicados no decorrer desta edição se referem, cada um a seu modo, à temática escolhida. Assim, temos uma crônica da jornalista Cláudia Laitano que traz um testemunho pessoal da amizade.

Ana Lila Lejarraga, em "Amizade e Psicanálise: uma relação possível?", mantém a interrogação inicialmente proposta, busca articulações entre psicanálise e amizade, se utilizando de conceitos winnicottianos, assim como lembra suas diferenças. Propõe, por fim, uma reflexão sobre o poder terapêutico da amizade proposto por Winnicott.

Caterina Koltai, em seu texto "Ética da Amizade e Ética da Psicanálise", reflete, através de dois autores da literatura de testemunho, sobre o lugar da amizade em momentos de profundo desamparo, mostrando que a ética da amizade se assemelha à ética da psicanálise.

Gley P. Costa, em "Amizade – uma visão psicanalítica", traz uma reflexão poética e ao mesmo tempo densa sobre a amizade como ponte unindo "ilhas de individualismo e isolamento", características da vida moderna e como versão sublimada de tendências homossexuais universais, o que talvez seja uma das razões de o tema da amizade ser tão pouco abordado na literatura psicanalítica.

Lisiane Milman Cervo escreve sobre o "Amigo Imaginário", tema pouco explorado em Psicanálise, com riqueza teórica e clínica.

Caroline Milman nos traz uma poesia inspirada e que tão bem retrata a sua vivência na Brasileira.

Rodrigo Boettcher nos brinda com um texto tecido em suas entranhas e que escancara como nos sentimos na Brasileira.

Quero agradecer a todos os autores pela presteza com que se encantaram com a ideia de escrever sobre a amizade em relação à Psicanálise e responderam com textos ricos e instigantes.

E, finalmente, quero agradecer a parceria inestimável dos meus colegas desta Comissão, com quem foi um prazer compartilhar momentos de reflexão, criação e humor: Adriana Loiferman, Celso Gutfreind, Fátima Fedrizzi, Rodrigo Boettcher e também a presteza delicada da Ananda Feix, nossa assistente editorial, e o entusiasmo contagiante da Helena Mello, nossa jornalista.

Gostaríamos agora de propor para reflexão aos leitores algumas questões elaboradas pela Comissão do Jornal sobre Amizade e Psicanálise.

- Como percebe a amizade no universo virtual?
- Qual o lugar do outro em tempos de conexão permanente?
- E qual o lugar do íntimo e do privado nas redes sociais?
- E a amizade nas mais variadas relações: conjugal, pais-filhos, paciente-analista?
- Pode-se dizer que, em alguma medida, se elege um analista como se elege um amigo?
- Um importante filósofo brasileiro, Rouanet, escreveu "Os 10 Amigos de Freud", a propósito de suas maiores influências. Nesse sentido, quem são os seus amigos?

E se encontrar dificuldade para responder a estas questões, pode recorrer a um amigo para auxiliá-lo...

A todos um abraço e boa leitura!

Ester Malque Litvin - Editora

Jornal da Brasileira

Jornal da Brasileira
Órgão de Divulgação da
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.
Rua Quintino Bocaiuva, 1362
CEP 90440-050 - Porto Alegre - RS - Brasil
Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857
www.sbpdepa.org.br | sbpdepa@sbpdepa.org.br
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA
Presidente: Dra. Helena Ardaiz Surreaux
Secretário: Dr. Newton Aronis
Tesoureiro: Dr. Lores Pedro Meller
Comissão Científica: Dra. Astrid Ribeiro
Comissão de Comunicação: Dra. Ester Malque Litvin
Comissão de Relações com a Comunidade: Dra. Patrícia R. Menelli Goldfeld
Comissão do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP): Dra. Ane Marlise Port Rodrigues
Membro Honorário: Dr. David Zimmermann
INSTITUTO DE PSICANÁLISE
Diretor: Dr. José Luiz Freda Petrucci
Secretário: Dr. Flávio Roithmann
Coordenador da Subcomissão de Formação: Dr. Gildo Katz
Coordenador da Subcomissão de Seminários: Dr. José Ricardo Pinto de Abreu
Coordenadora da Subcomissão da Infância e Adolescência: Dra.Mayra Dornelles Lorenzoni
NÚCLEOS
Núcleo de Infância e Adolescência: Dra. Eluza Maria Nardino Enck
Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional: Dra. Denise Zimpek T. Pereira
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis: Dr. Márcio José Dal-Bó

Grupo de Estudos Espaço Potencial: Dra. Eliane Nogueira e Dra. Caroline Milman
Grupo de Estudos Pró-Criar
Grupo de Estudos Metapsicologia Freudiana: enigmas e vicissitudes

JORNAL DA BRASILEIRA
Editor: Dra. Ester Malque Litvin
Conselho Editorial: Dra. Adriana Loiferman, Dr. Celso Gutfreind, Dra. Fátima Maria Tonolli Fedrizzi, Dr. Rodrigo Boettcher
Jornalista Responsável e Editoração: Helena Mello
Revisão: Antônio Falcetta
Projeto Gráfico: Paola Bulcão Manica
Assistente Editorial: Ananda Feix
Secretárias: Bruna Fontela e Micaela Wünsch
Execução Gráfica: Calábria
Tiragem: 500 exemplares

Nova gestão: o desafio da expansão criativa

Acostumada a escrever neste jornal como editora, é a primeira vez que o faço como presidente, cargo que me honra e no qual trabalho para o desempenho mais integrado possível.

Desde este lugar significativo, minhas palavras são de agradecimento pela confiança depositada, a qual, junto com minha equipe, espero retribuir.

Tenho vivido o cargo de presidente como o posto por excelência de pensar a Instituição. Sem tarefas específicas como as demais diretorias, pode-se mirar a Sociedade desde um ângulo privilegiado, observar, sentir seu clima interno, escutar suas vozes e silêncios, projetar suas ações na política externa da IPA e também sua inserção na sociedade em geral.

Gostaria de aproveitar este precioso espaço do jornal para compartilhar algumas dessas reflexões com toda a Brasileira.

A eleição de uma primeira presidente não fundadora é um fato eloquente por si. Relata uma saudável abertura no seio da Instituição, que busca renovar-se, ou até, quem sabe, reinventar-se na consolidação de uma identidade madura, que possa nutrir-se do passado na busca de novos e revitalizantes caminhos. Podemos pensar que ao arrimar os vinte anos, com um alto e participativo contingente de membros formados na casa, a Instituição está vivendo as necessárias transições no exercício do poder, com as dores, os conflitos e a ambivalência próprios da introdução das "novas" gerações no mundo adulto, com suas exigências sobre assumir responsabilidades e as consequências por suas ações.

O desafio pelo compromisso que assumimos em acompanhar a Sociedade neste processo transicional como Diretoria é absolutamente envolvente. Somos um grupo misto, formado por membros fundadores e expoentes das chamadas novas gerações. O processo que se opera ali é bastante emblemático deste momento. Os associados mais antigos trazem a história, que baliza a presença de ideias renovadoras, anseios naturais dos mais recentes, configurando um movimento, uma "dança", de ajustamento e viabilização. No entanto, neste lugar de tanta responsabilidade pelos destinos da Instituição, como não ter dúvidas, incertezas e não ser sacudido pela premência da tomada de decisões? Como saber se estamos interpretando bem as demandas institucionais e se a nossa intervenção é intrusiva ou é o que se espera que seja feito? Essas são algumas das perguntas que nos fazemos frequentemente e que relatam as nossas íntimas inquietações como dirigentes da Brasileira.

Acredito firmemente que a única forma de encaminhar esses interrogantes é através de uma discussão ampla, participativa e transparente, não apenas dos problemas, mas também dos anseios dos membros em relação à Sociedade. Talvez o trabalho clínico possa oferecer um modelo interessante de uma boa escuta da Brasileira. Assim como buscamos na clínica psicanalítica que o nosso inconsciente possa, como um diapasão, captar e vibrar no tom do inconsciente do outro, essa deve ser a meta quanto à escuta da Instituição, guardando as distâncias em relação à profundidade e à complexidade dos diferentes contextos.

No plano concreto, sediamos, junto à SPPA e SPPel, o tradicional evento "Lacan na IPA". Organizado com a dedicação de Leonardo Francischelli, Laura Ward da Rosa e Fernando Kunzler, a atividade foi um sucesso pelo alto nível científico e pela grande afluência de público.

Em maio, participei da reunião do Conselho de Presidentes da Fepal, em Montevidéu, representando a Brasileira. Nesse encontro, muitas notícias, com destaque especial ao 29º Congresso da FEPAL, "Invenção – Tradição", de 10 a 13 de outubro de 2012 e para a nova Revista da FEPAL, batizada "Calibán", a ser lançada no referido Congresso.

Em junho, participei da reunião de presidentes e delegados das Federadas em São Paulo. Junto, como delegada e Diretora do Conselho Profissional da FEBRAPSI, participou a colega Ana Paula Terra Machado. Nessa oportunidade, o Diretor Científico da FEBRAPSI, Admar Horn, trouxe notícias sobre o Congresso da FEBRAPSI, a realizar-se de 25 a 28 de setembro de 2013, em Campo Grande, com o tema "Ser Contemporâneo: Medo e Paixão". A propósito, uma boa notícia: nos dias 23 e 24 de novembro do corrente, faremos em Porto Alegre uma atividade científica preparatória para o Congresso da FEBRAPSI, organizada pelas três Sociedades do Sul. Preparem-se!

Além disso, mais projetos pela frente. Em agosto, a nossa jornada, com a presença de Franco Borgogno, da Itália, e também com a videoconferência de Marisa Rodulfo, da Argentina, na atividade de lançamento da Revista.

Ademais da atenção ao clima interno da Brasileira, esta gestão tem como meta seguir trabalhando para expansão da Sociedade e da Psicanálise em muitos sentidos. Continuar prospectando novas parcerias com universidades e aprimorando nosso *site* e as condições de informatização. Uma menção especial para o projeto de inserção em políticas públicas que está sendo criado a partir de uma comissão que já vem se reunindo e trabalhando nas estratégias de intervenção possíveis. Aviso que esta comissão está aberta para quem estiver interessado em colaborar com este importante trabalho.

O que encoraja para enfrentar tamanhos desafios é o suporte amistoso e competente de uma equipe e, por isso, quero agradecer aos colegas que aceitaram o meu convite para a difícil mas instigante tarefa de administrar nossa Sociedade por dois anos. A Newton Aronis, Lores Meller, Astrid Ribeiro, Ester Malque Litvin, Patrícia Goldfeld e Ane Marlise Port Rodrigues, meu muito obrigada.

Quero manifestar meu profundo reconhecimento ao apoio dedicado, incansável e generoso da secretaria. Eli, nossa secretária, sua competência, determinação e ótimas ideias só não superam a sua lealdade à Brasileira. Obrigada. A toda a equipe, Ananda, Bruna, Micaela, Helena e Adir obrigada pela colaboração eficiente e carinhosa.

O inspirado tema deste jornal merece uma menção. O vínculo de amizade é sempre aquele que torna perenes as relações. Uma ardente paixão que não se deixe conduzir pelos laços da amizade será consumida pelo próprio fogo. Ligações familiares podem ou não contemplar um vínculo amistoso, já que este se caracteriza sobretudo por uma escolha. Elegemos nossos amigos a partir de identificações, afinidades, simpatias... Na convivência institucional desfrutamos do conforto da amizade, mas também almejamos um fim maior: enfrentar o encontro com o não amigo, o alheio, o diferente sem que isso nos destrua. Sinto nossa Sociedade num momento de expansão criativa e espero que seja o prenúncio de novas e ainda mais significativas aberturas.

Helena Surreaux - Presidente

Reunião clínica integra CAP e Comissão Científica

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) e a Comissão Científica da SBPdePA promoveram, em 25 de maio, sua primeira reunião clínica do ano. Através do material clínico do CAP trazido pela colega Magda Walz e comentado por Eliane Nogueira e demais presentes, tivemos a vivência de um rico intercâmbio de ideias sobre a prática clínica atual. A atividade reforçou a importância social e científica do CAP que, ao proporcionar tratamento psicanalítico a custos acessíveis para crianças, adolescentes e adultos, contempla também as necessidades para a formação dos membros do Instituto. Essa reunião inaugura a busca de integração do CAP com a Comissão Científica, coordenada por Astrid Ribeiro, a partir do entendimento comum aos dois setores. Na coordenação anterior, Caroline Milman deu importante passo ao organizar a ficha cadastral para alimentar um banco de dados para futuras pesquisas.

A próxima reunião clínica conjunta CAP-Comissão Científica ocorrerá em 26 de outubro de 2012, às 18h e enfocará o aspecto das diferentes escutas dos analistas presentes frente a cada fala do paciente.

As reuniões mensais seguem ocorrendo em dois horários: o diurno é nas últimas terças-feiras do mês, das 12h15min às 13h30min (reunião almoço); o noturno é na primeira quarta-feira do mês, das 20h30min às 21h45min. O espaço é aberto a todos os membros da Brasileira. Além disso, está em andamento a atualização do regimento interno do CAP.

Ane Marlise Port Rodrigues
Coordenadora

Tributo a Berenstein

O recente evento *Psicanálise Vincular*: *Tributo a Isidoro Berenstein*, promovido pelo Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional nos dias 18 e 19 de maio, contou com excelente participação do público, com 115 inscritos.

O evento foi promovido com apoio do Grupo de Vínculos da Comunidade e da Comissão Científica e teve como convidada a Dra. Sonia Kleiman, psicanalista argentina, membro e coordenadora da especialização e do mestrado da APdeBA. Durante a conferência do dia 18/05 sobre *Presença e Interferência no Vínculo Analítico*, trouxe cenas do filme "O Visitante", que foi muito apreciado pelo público presente. No sábado, dia 19/05, os trabalhos continuaram com enfoque na clínica vincular, voltados para os grupos de estudos e para membros da IPA.

O Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional, que completa 13 anos, recebeu, com muita satisfação, mais uma integrante, a colega Jussara Körbes. Participam também do Núcleo as colegas Ana Rosa Trachtenberg, Cynara Kopittke, Denise Haeberle, Gilda Soares, Rosa Avritchir, Vera Mello e Denise Zimpek Pereira.

Denise Zimpek Pereira
Coordenadora

Grupo
Espaço Potencial

Entrelace de ideias

O grupo de estudos *Espaço Potencial* segue se reunindo, semanalmente, às sextas-feiras, contando agora com nove integrantes. O primeiro semestre de 2012 foi reservado ao estudo da obra de André Green, especificamente sobre o tema do Negativo. Recebemos com tristeza a notícia de sua morte. Ao mesmo tempo foi interessante estar, por curiosa antecipação, rendendo uma homenagem ao grande pensador que ele foi. O grupo tem aproveitado muito a correlação das ideias de Winnicott com os demais autores estudados, como atualmente com André Green. Já estudamos, por conta deste entrelace de ideias, Freud, Ferenczi, Ogden, Joyce McDougall. Outro objetivo do grupo é fazer sazonais debates clínicos, sempre aproveitando o tema e o autor em questão. Este vaivém entre teoria e prática tem sido muito enriquecedor para o grupo, que acaba sempre produzindo trabalhos que traduzem o nível de estudo alcançado. Assim, na última Jornada da SBPdePA, foi apresentado um caso clínico de Joyce McDougall, com entrelace teórico com as ideias de Winnicott e questionamentos levantados durante os encontros das sextas-feiras do segundo semestre de 2011, quando o tema em estudo eram as questões da psicossomática, e por isso os conceitos desta autora, a quem o grupo também prestou uma justa homenagem antecipada.

Eliane Nogueira - coordenadora

Associação de
Membros do Instituto

Atividades internas e externas movimentam a AMI

O ano de 2012 iniciou cheio de expectativas para o grupo de colegas da AMI. Desde maio do ano passado, vínhamos organizando e gestando a vinda do Dr. Leopoldo Nosek, presidente da FEPAL, para conversar conosco sobre a formação analítica, evento que aconteceu nos dias 13 e 14 de abril. A proposta foi congregar colegas tanto da Brasileira como da SPPA e SPPel e, para isso, contamos com a efetiva participação desses colegas que se fizeram presentes no evento. Sabíamos que reunir colegas dos três diferentes Institutos não seria tarefa fácil, mas acreditávamos possível. E, acima de tudo, contamos com os membros da nossa casa, que em peso estiveram prestigiando nosso convidado. Escutar Dr. Nosek é uma experiência distinta da qual ninguém sai indiferente. A começar pela forma inusitada como ele conduziu a conversa: primeiro as perguntas, depois sua fala! Agradecemos ao nosso convidado.

Ainda em abril, estivemos na Cidade do Panamá para a Jornada da OCAL-Norte. Renata Vives e Christiane Paixão representaram os colegas daqui. Foi uma experiência interessante e revitalizadora, como costumam ser os eventos da OCAL. Encontramos com colegas vindos do México, de Honduras, da Venezuela, da Argentina, do Brasil e do Panamá. Descobrimos que a escolha desse local para sediar o encontro teve sua motivação na peculiaridade da formação analítica oferecida por lá. Em 2006, durante a gestão do Dr. Cláudio Eizirik na IPA, foi criado o ILAP (Instituto Latino-Americano de Psicanálise) - um Instituto virtual que responde pela formação desses futuros colegas analistas em locais onde ainda não existem sociedades psicanalíticas constituídas. As diferenças em relação a nós, que temos sede, grupos, diretorias, é que lá tudo se dá em outro ritmo. Os seminários podem acontecer por "imersão", estudando-se o mesmo tema dois dias seguidos com um analista vindo de outro país. A análise pode ocorrer por telefone ou *Skype*, quando não é possível ser presencial. É comum os candidatos precisarem viajar até a cidade dos seus analistas para frequentar a análise, às vezes em outros países, por isso é tão importante poder colocar a tecnologia a serviço da psicanálise. Cabe ressaltar, porém, que a recomendação é que setenta por cento da análise seja presencial. E o mais interessante é que encontramos colegas apaixonados pela psicanálise, sedentos por intercambiar com outros colegas. Pensamos em promover alguma atividade com eles, usando a tecnologia... Mas isso é para outro momento.

Para finalizar, aproveitando a vinda do Dr. Franco Borgogno para a X Jornada da Brasileira, foi planejada uma supervisão com o convidado, aqui na nossa sede, exclusiva para os membros da AMI.

Christiane Paixão - coordenadora

Virtualidade e realidade buscando aproximações

Iniciamos esta gestão com uma excelente herança para nosso setor de comunicação, possibilitando continuidade, principalmente referente às implementações de informática ocorridas na gestão anterior.

Nosso *site* (www.sbpdepa.org.br), reformulado, segue priorizando a circulação de nossos eventos, buscando ser cada vez mais interativo. Destacamos ainda a criação de um Portal onde os membros do Instituto têm a oportunidade de fazer, diretamente, a avaliação dos seminários, assim como fazer solicitações e inteirar-se das avaliações.

A Biblioteca continua investindo na aquisição de novas obras. Está completamente informatizada, permitindo a busca para pesquisa *on-line*.

A Revista *Psicanálise*, neste semestre, trará as contribuições realizadas na nossa *IX Jornada Anual*, de novembro de 2011, que versou sobre o Futuro da Psicanálise, e contará com inúmeros trabalhos de autores renomados da psicanálise contemporânea e também de nossos colegas da Brasileira.

Com relação ao nosso Jornal, contamos com a entrada da colega Fátima Fedrizzi, que veio se integrar à equipe já constituída na gestão anterior. Neste primeiro semestre, seguimos o padrão de trabalhar em torno de um eixo-temático: "Amizade e Psicanálise - uma relação possível". Para o segundo semestre, nossa equipe já planeja outro tema bastante interessante, aguardem! Como novidade, alteramos o tipo de papel, adotando um padrão mais econômico e ecológico. É importante salientar que nosso Jornal também está acessível virtualmente em nosso *site*.

Também seguiremos a realização de encontros virtuais. Inauguramos este primeiro semestre com a videoconferência, no dia 07 de julho, das doutoras Ana Rita Nuti Pontes e Luciana Marchetti Torrano, ambas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, que abrilhantaram o lançamento oficial da X Jornada Anual com seus conhecimentos a respeito do Dr. Franco Borgogno.

O Dr. Franco Borgogno é nosso convidado oficial desta X Jornada Anual da Brasileira cujo tema é "Mudança Psíquica: Construções no Percurso Analítico".

Durante a nossa Jornada Anual, em agosto próximo, teremos o lançamento da revista *Psicanálise*, assim como do jornal, com uma videoconferência da Prof. Dra. Marisa Punta Rodulfo: "A Diferença em Processo". A Prof. Dra. Marisa Punta Rodulfo é titular de Psicopatologia Infanto-Juvenil da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, com vários livros e artigos publicados, alguns dos quais podem ser consultados em nossa biblioteca.

Para o segundo semestre, pretendemos fazer uma homenagem póstuma a André Green, Joyce McDougall e Jean Laplanche, grandes nomes da psicanálise contemporânea que nos deixaram recentemente.

No âmbito virtual, seguimos implementando nossos meios de comunicação, agora com *Twitter* (@sbppa), com o *Facebook*, que têm apresentado um excelente retorno em relação às divulgações, principalmente para os eventos abertos à comunidade – "Cine Fórum", "A Brasileira na Cultura", entre outros. A comunicação pelo *e-mail* segue responsável pela maior parte de nossas divulgações, tornando-se cada vez mais eficaz na atualização de notícias, eventos, realizações entre os membros e comunidade. Inclusive no *Facebook* foi criado o grupo AMI, para que os membros do Instituto troquem ideias, como aconteceu na discussão do filme "Coraline", ocorrido em 22 de junho. Este evento inaugurou uma nova modalidade de discussão integradora entre todos os núcleos e grupos de estudos da Brasileira, instituída pela Comissão Científica, e que teve forte adesão de todos.

Gostaríamos de reiterar nosso prazer em fazer parte deste universo e seguir convidando e estimulando nossos colegas a escreverem, pesquisarem, publicarem, divulgarem a criatividade e riqueza de nossos associados. Esta gestão se caracteriza pela integração de todos nós, que desejamos e realizamos Psicanálise.

Ester Malque Litvin - Diretora de Comunicação

Grupo de Estudos Pró-criar

Participando de eventos e debatendo questões

O grupo Pró-Criar surgiu a partir do desejo de cinco membros do Instituto de estudar um tema específico que nos inquietou a partir de seminário clínico realizado no ano de 2009. Desde lá, passamos a nos reunir semanalmente para estudar, discutir e aprofundar questões relacionadas ao tema da Reprodução Assistida, questões essas que orbitam assuntos referentes à maternidade, paternidade, filiação, sexualidade feminina e tantos outros. Ao longo dos últimos três anos, buscamos participar de diversos fóruns psicanalíticos tanto em nosso estado como em eventos da OCAL. Até o momento já tivemos uma produção científica bastante intensa. Nosso projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Grupo Hospitalar Conceição para a realização de pesquisa junto ao Serviço de Reprodução Assistida do Hospital Fêmina com o título: "Aspectos psicológicos de mulheres que se submeteram às tecnologias de reprodução assistida". Desde sua aprovação, realizamos a coleta e agora estamos em fase de análise dos dados.

Colocamos nosso *e-mail* (grupoprocriar@gmail.com) à disposição para qualquer comunicação e troca de ideias para quem desejar.

Katya Araújo
Mara Horta Barbosa
Maria Isabel Pacheco
Patrícia Mazeron
Renata Vives

Um filho, uma amizade, uma sociedade

Seriam tão variadas e indeterminadas as maneiras de se conceber um filho que poderíamos discorrer páginas e páginas sobre este tema. Alguns poderiam ser desejados, outros planejados ou ainda gerados de uma relação fugaz. Não há jeito de julgar frente ao milagre da vida. Toda história começa com um. Pode ser um dia, uma vez, um sujeito, um sonho, uma vontade entre inúmeras impossibilidades. Quem poderia descrever como foi sonhada nossa sociedade? Poderíamos recorrer aos fundadores, atas, às diferentes histórias, aos amores ou até às discordâncias. Entretanto, será que pensamos em tudo isso quando nos deparamos com uma amizade? Pensamos como ela foi gerada ou de onde ela veio? Talvez sim, mas talvez não. Quem sabe apenas desejamos ficar juntos por gosto, por prazer, pela realização em compartilhar o comum. Uma Sociedade, um filho, uma amizade poderiam funcionar um pouco assim. Sem saber direito o motivo, sem definir direito o afeto, apenas uma escolha que faz continuar e deixa ficar. Não por inércia, mas pela troca, pelo conhecimento e reconhecimento, pela identidade, pela vaidade ou apenas pelo medo da solidão, não importa. Para alguns, dois é dois, enquanto para outros dois pode ser três, pode ser quatro. E daí? Não há como definir, muito parecido com o amor. Mas nesta história de filho, de Sociedade e de amizade é necessário abrir espaço, ficando vulnerável ao novo, ao inesperado, ao investimento sem garantias. Nascemos e, neste 2012, completaremos 20 anos de reconhecimento. Um tempo de crescimento, de amadurecimento, de dúvidas, de convicções: de autonomia. A abertura para a discussão, a disponibilidade para a escuta ou o que seria compreendido como democracia já seriam elementos suficientes para comemorar. Nossa sociedade/nosso filho metaforizados em uma ideia de movimento onde se poderia escutar a primeira palavra/a primeira turma, o primeiro evento/os primeiros passos, o primeiro dia da escola/a primeira publicação, como um resultado de colheita. Alteridade. Sustentabilidade para uma amizade, para um filho, para a manutenção de um grupo. Para propostas. Para acolher a heterogeneidade. Para pensar Freud como inspiração. Há de se comemorar este modelo sonhado um dia por um, por dois, por alguns que ousaram e fizeram. Hoje estamos aqui consolidando esta vontade, esta necessidade, atualizando aquele Projeto. Assim como na vida: a primeira infância, a puberdade, a adolescência. Etapas constitutivas que foram abrindo caminho para a vida adulta: 20 anos! Tempo de produção, tempo de tentativas que perpetuam a identidade psicanalítica, a tradição e a ousadia. Somos um, somos vários, somos o passado e o futuro sustentando um presente fértil e promissor. Quantos encontros, eventos científicos, revistas, grupos de estudo, edições de jornal. Somos trabalhadores de um ideal. Complexo para mensurar. Possível de vivenciar. 20 anos fazendo parte. De filho para pai. Simplesmente fraternidade!

"Não há jeito de julgar frente ao milagre da vida. Toda história começa com um. Pode ser um dia, uma vez, um sujeito, um sonho, uma vontade entre inúmeras impossibilidades."

Rodrigo Boettcher - Membro do Instituto da SBPdePA

A amizade e a psicanálise:
uma relação possível

Ao escolher o tema para essa edição, surgia o desafio de abordá-lo sob aspectos que despertassem interesse e curiosidade. Para isso, buscamos visões distintas de psicanalistas experientes que se dedicaram a refletir sobre o tema. O resultado é essa ampla matéria que aprofunda a discussão, instigando os leitores a repensar a amizade em relação à psicanálise.

Uma visão psicanalítica

Esperança e amizade, dois assuntos distantes da psicanálise, sempre tiveram o meu interesse. O primeiro, abordei no trabalho "A psicanálise diante do humor e da esperança" (Rev. Bras. Psican., V.40, n.4, 2006, pp. 87-93). O segundo, no início deste ano, eu propus ao Jornal da Brasileira, que não só aceitou a sugestão do tema como me honrou com o convite para escrever o artigo, com o qual me associo à perplexidade de Bauman diante da forma atual e ilusória, propiciada pela *internet*, de ter não apenas alguns amigos, como no passado, mas milhares. A diferença é que as amizades do passado eram sólidas, e as atuais, empregando um termo de Bauman, são líquidas. Apesar do crescimento exponencial das amizades que fluem pela *internet* a uma velocidade de 10 megas, percebo que alguns, ao lado dos "amigos do *Face*", conservam os amigos de verdade, alvo deste comentário. Originalmente, o conceito de amizade indicava proximidade física e geográfica. Contudo, a descoberta dos meios de transporte, que tantos avanços trouxeram à civilização, determinou um progressivo e cada vez mais acentuado afastamento dos amigos, a ponto de Thomas Jefferson escrever que, por essa razão, o cavalo já foi um erro. Não obstante, se, por um lado, o grande deslocamento observado na atualidade mantém longe os amigos, eu penso que, por outro, são as amizades verdadeiras que encurtam as distâncias no mundo globalizado em que vivemos. Numa linguagem poética, diria que as amizades são as pontes que unem as ilhas de individualismo e isolamento que caracterizam a vida moderna. Freud, sem dúvida, além de cientista, foi um grande homem – um estoico, como disse Peter Gay – capaz de manter, até o final da vida, fortes vínculos familiares e profundas amizades, não obstante algumas das mais intensas terem resultado em sofridas decepções, como Adler em 1911, Steckel em 1912 e Jung em 1914, para citar as mais importantes. Portanto, não foi sem motivo que declarou, em 1926, aos setenta anos, que preferia a companhia dos animais à companhia humana. Quem sabe, por essa razão, a obra de Freud e, por extensão, o restante da literatura psicanalítica tenham dedicado tão poucas linhas à amizade. Outra causa para essa omissão pode ser o fato de a amizade, como apontou Freud, consistir em uma manifestação modificada das universais tendências homossexuais do ser humano, corroborando a observação de que as amizades se estabelecem, predominantemente, entre indivíduos do mesmo sexo. Essa modificação é possibilitada pela inibição ou dessexualização da meta pulsional, a qual vai gerar tanto a amizade quanto a ternura nas relações familiares, configurando uma sublimação, segundo Freud, quando acompanhada da troca para um objeto aceito e valorizado socialmente. Apesar da sua importância, Freud e os teóricos que deram continuidade à sua obra não desenvolveram suficientemente esse conceito, que evoca a palavra sublime, a qual é particularmente utilizada no âmbito das artes, mas que também cabe quando enfocamos a amizade, devido ao seu elevado valor e reconhecimento sociais. Afora isso, como acentuou McDougall, todas as sublimações têm como base o universo somato-psíquico da sexualidade, que, na fase edípica, comporta as versões hetero e homossexuais. Mediante a utilização desse mecanismo, o ego, em vez de recorrer ao recalcamento da pulsão sexual, procura derivá-la em uma direção diferente da original, adquirindo uma maior complexidade e criando novos níveis de satisfação, os quais assumem as características culturais e, por esse meio, obtêm-se o amor do superego, elevando, como resultado, a autoestima. No entanto, quando são desinvestidos os vínculos homossexuais sublimados, por retração libidinal, o indivíduo retorna ao narcisismo e passa a sobreinvestir libidinalmente o ego, como se observa na paranoia. Por tudo isso, a amizade deve ser considerada um fator de satisfação pessoal e integração social, mas também um elemento que contribui para o equilíbrio psíquico e a saúde mental, servindo de apoio nos mo-

mentos em que nos sentimos fragilizados. No final da adolescência, com o descenso do ideal endogâmico, o jovem ingressa em um novo espaço conotado com um significado diferencial a partir do estabelecimento de metas ligadas às atividades laborais e ao amor em um contexto extrafamiliar. No entanto, o sucesso nessa incursão em espaços e vínculos extrafamiliares somente é atingido após o percurso por um caminho difícil ao longo das etapas anteriores da adolescência, com barreiras que cobram para serem ultrapassadas: a elaboração de lutos, o estabelecimento de novas representações, a constituição de novas identificações e, como meta mais exitosa, o acesso a formas de maior complexidade nas relações com o outro – uma conquista que institui a alteridade e, por via de consequência, a genitalidade adulta. Quando, então, tudo o que era percebido como quantidade se organizará como qualidade psíquica e o desejo buscará o além de mim. Nessa caminhada, o indivíduo não encontrará jamais a satisfação plena e definitiva, mas construirá sentidos para a sua vida em uma gama infinita de possibilidades na sua relação com desconhecido outro. Nesse respeito pelo desconhecido outro, que inclui os amigos, nascem a ética e a hospitalidade no relacionamento humano. A amiga de muitos anos da nossa Sociedade, Raquel Zac de Goldstein, postula que a amizade permite sustentar o desejo de viver, o gosto pela vida, seus prazeres e ilusões, os ideais, nossa continuidade e, sobretudo, tolerar a incerteza. De fato, são ainda os amigos que, mesmo quando atingimos uma idade avançada, sustentam o nosso amor próprio e a alegria de viver. Nessa linha, eu costumo brincar, dizendo que os amigos nos mantêm jovens e bonitos, lembrando que, para Winnicott, a brincadeira fornece a organização para a iniciação de relações emocionais e, assim, propicia o desenvolvimento de contatos sociais – o substrato de que a amizade é feita. De acordo com esse autor, a experiência da mutualidade propiciada pela relação mãe-bebê é a base de todas as formas posteriores de intimidade, entre as quais se inclui a amizade. Por conta disso, ao lado das conquistas terapêuticas, como sucesso profissional, prazer sexual e constituição de uma família, as amizades genuínas devem ser consideradas no âmbito da advertência de Freud de que a capacidade de sublimação é essencial para o resultado do tratamento. A impossibilidade de obter satisfação com os valores sociais e com as amizades não impede que a vida seja plena, mas a mantém rasa e mais vulnerável. No material analítico, a ausência ou pobreza de amizades e, principalmente, a exclusão de assuntos relacionados com esse tema podem representar uma defesa contra fantasias homossexuais. É indispensável ter presente, como acentuou Freud no Caso Schreber, que, mesmo após a eleição do objeto heterossexual, as aspirações homossexuais não são interrompidas ou abandonadas; são simplesmente desviadas da meta sexual e conduzidas a novas aplicações: aliam-se às pulsões do ego como componentes 'ligados' para gerar a pulsão social, a qual constitui uma contribuição do erotismo à amizade, à camaradagem, ao sentimento comunitário e ao amor universal pela humanidade. Por último, quero enfatizar a importância das relações de amizade entre psicanalistas como forma de lidar com as angústias geradas pela atividade analítica e, particularmente, enfrentar os sentimentos de fracasso e desvalimento diante de situações proporcionadas pela experiência de vida e pelo trabalho analítico. Para proteger a psicanálise dos ataques externos, em 1912, Jones criou o Comitê dos Sete Anéis, cuja dissensão algum tempo mais tarde levou Freud a reconhecer que a fonte mais dolorosa de sofrimento reside na insuficiência do método analítico para regular as relações das pessoas nos grupos sociais. Esse parece ser o caminho inexorável das instituições psicanalíticas, nas quais o anseio pelo poder e pelo prestígio muitas vezes, como no Círculo do Anel, corrói as amizades, fazendo com que o trabalho analítico se transforme em uma atividade bastante tóxica.

Gley Costa - Membro titular e didata da SBPdePA.

Amigos imaginários

Encontramos muitas referências sobre os amigos imaginários em *sites* e revistas voltadas ao público leigo, interessado em compreender esse fenômeno que está presente em um grande número de crianças. No entanto, há poucos estudos psicanalíticos que se dedicam a aprofundar esse tema, o que torna importante a discussão sobre o significado dos companheiros imaginários e seu lugar na clínica psicanalítica. Nesses *sites* e revistas, a característica mais comum do amigo imaginário é se tratar de uma criatura inventada pela criança, com a qual interage, brinca, fala, mas só existe na sua imaginação, embora pareça absolutamente real para ela. Costumam aparecer quando a criança passa por momentos de ansiedade ou de perdas importantes, sendo um fenômeno comum entre crianças de 3 a 6 anos de idade. Tão comum, que inspirou um seriado americano de desenho animado - "A Mansão Foster para Amigos Imaginários", casa que abrigaria os companheiros imaginários de crianças que não os querem mais, os desalojados. Algumas matérias destacam a enorme incidência dos amigos imaginários e propõem-se a tranquilizar os pais: "Os amigos imaginários estimulam o desenvolvimento das crianças e podem suprir eventuais lacunas afetivas e ajudar na elaboração de questões psíquicas" (Revista Mente e Cérebro, fevereiro de 2010). Referem que filhos únicos e primogênitos são mais propensos a ter companheiros imaginários, já que tendem a passar os primeiros anos de vida sem um companheiro real de sua faixa etária. Em geral, há uma advertência para que os pais não limitem a imaginação de seus filhos, o que poderia trazer prejuízos cognitivos. Como parâmetro, indicam que "se a criança deixa de brincar com as outras, se ela se fecha no mundo só dela e do amigo que ela criou, está na hora de interferir – eles podem ser importantes, mas jamais devem ser a relação prioritária" (Revista Superin-

teressante, novembro de 2010 – psicanalista Enrique Mandelbaum).

Rastreando nosso arsenal psicanalítico, é nos estudos de Winnicott sobre os Fenômenos Transicionais e seus destinos que encontramos substrato teórico para refletir sobre os amigos imaginários. Os objetos e fenômenos transicionais fazem parte do desenvolvimento normal, em geral surgindo em um estágio em que a mãe escapa ao controle onipotente do bebê; a criança, então, busca em algum objeto ou fenômeno a representação da mãe. Eles fazem parte do domínio da ilusão: mesmo podendo ser percebidos objetivamente, são coloridos por uma série de concepções subjetivas da criança (alvo de projeções), ficando nessa zona intermediária da experiência – existem, mas não têm realmente os poderes que lhe são atribuídos pelo bebê. Na saúde, as experiências na área da transicionalidade são a base para a criatividade, e seu espaço vai-se expandindo de forma que essa área de ilusão, ou zona intermediária, vai sendo ampliada para as mais diversas formas do brincar, as experiências culturais, a arte, as religiões e, evidentemente, é esse o lugar da psicanálise! Os objetos e fenômenos transicionais originais vão gradualmente sendo descatexizados, e seu destino é uma espécie de limbo, sendo substituídos pelas experiências culturais mais amplas. Winnicott também se propõe a estudar a psicopatologia dos fenômenos transicionais quando há uma fixação na necessidade de dispor de um objeto concreto, sem que haja um deslizamento para experiências simbólicas compartilhadas, resultando em quadros como o fetichismo, os transtornos alimentares (obesidade), a drogadição (adições em geral). Quando os amigos imaginários são criações transitórias, fazendo parte de uma zona de ilusão, podem ser evidências dos recursos internos disponíveis para lidar com a angústia, principalmente se forem uma espécie de passaporte para o acesso ao brincar com amigos reais. Contudo, há quadros de crianças solitárias, com tendência ao retraimento, em que o amigo imaginário persiste por um tempo prolongado ou substitui o relacionamento com os demais, prestando-se a uma evitação do contato com o mundo externo. Evidencia-se o mecanismo de dissociação, destinando muito tempo a uma vida paralela, repleta de devaneios, enquanto a vida do brincar compartilhado, do simbolizar e do sonhar fica esvaziada de investimento e significado. Quando essas situações chegam aos nossos consultórios, haveria indicação de análise, porque não há uma recuperação espontânea e predomina uma tendência a uma linha esquizoide de desenvolvimento.

José, 7 anos, tinha há muito tempo dois companheiros imaginários: o Assombroso e o Fantasminha. Quando me procuraram, esses "fantasmas" vinham visitá-lo com cada vez mais frequência, principalmente a partir do nascimento recente de sua irmã. Ele era o primogênito e quando tinha dois anos sua mãe engravidou, anunciando a chegada em breve de um irmãozinho; houve um aborto espontâneo, sua mãe ficou terrivelmente culpada, fez uma severa depressão, necessitando de uma internação domiciliar. O pai contava que "o fantasma daquele bebê morto ficou rondando a cabeça da mãe muito tempo depois", deixando-a melancólica. Na ocasião, ninguém da família pôde explicar-lhe o que houve, e José seguiu aguardando a chegada daquele bebê imaginário que seria seu companheiro. Aos sete anos, era uma criança retraída, com uma vida imaginativa fértil, mas nutrida solitariamente. Às vezes, conversava com seus amigos imaginários na sala de aula, não se dando conta do quanto isso parecia bizarro aos olhos dos colegas – ele já não conseguia mais conter dentro de si aquilo que imaginava, como se houvesse um transbordamento para a vida real. Em uma das primeiras sessões, foi desconcertante seu anúncio de que trazia alguém para brincar conosco e sua apresentação solene do Fantasminha, olhando fixamente para o lado como se enxergasse seu "amigo". Ficava confuso se estávamos no terreno do brincar ou da alucinação – incerteza essa que foi suportada, sem confrontá-lo com a realidade. Nesse caso, o amigo imaginário que espantava sua solidão trazia consigo um elemento sinistro: o fantasma do irmão morto, que o acompanhou ao longo de anos. Com a chegada de uma irmã real, houve uma ressignificação de fantasias em torno daquela primeira gestação da mãe, incrementando-se o envolvimento com os amigos imaginários e um afastamento do mundo real, em um caminho que parecia apontar na direção da patologia dos fenômenos transicionais. Aos poucos, José passou a representar seus "amigos" graficamente. Foi importante quando eles, antes "invisíveis como qualquer fantasma", passaram a ganhar figurabilidade. Também passou a personificá-los em nossas dramatizações. A partir do ingresso desses amigos imaginários no espaço analítico, foi possível trabalharmos nessa zona de transicionalidade, inaugurando o lugar para um "novo amigo": a analista, que, embora pudesse fazer cargo de um feixe de projeções (como os amigos imaginários), oferecia-se ao mesmo tempo como um objeto percebido objetivamente, que não estava sob seu controle, marcando assim a exterioridade e a ponte com o mundo real. Com o tempo, esses amigos imaginários passaram a "visitá-lo" com cada vez menor frequência, até que José me contou que "eles vieram se despedir de vez", por "cada vez estar dando menos bola para eles". Nas sessões, passaram a ser substituídos por personagens mais realistas e criativos, como o "menino maluquinho" (em que a "maluquez" passou a ter o sentido de "arteiro e malandrinho"), e na vida também foi-se dando uma expansão da sua capacidade de brincar com os demais. Seria estimulante prosseguir com a investigação desse tema, reunindo comunicações clínicas de vários psicanalistas que já tiveram experiência com a temática dos amigos imaginários em seus consultórios!

Lisiane Milman Cervo
Membro Associado da SBPdePA.

Ética da amizade e ética da psicanálise

Ainda que a amizade não seja um tema que se ofereça de imediato à elaboração analítica, o fato é que ela não só ocupa lugar fundador no nascimento dessa disciplina como, de certa forma, foi sua terra natal. E, como lembrou Schneider (2009), a intensa correspondência entre Freud e Fliess pode, de certo modo, ser considerada o primeiro texto psicanalítico no qual, através da amizade que os uniu, nos foi possível ter acesso à gênese da invenção freudiana.

Foi graças a essa amizade que Freud pôde esboçar o enquadre do processo analítico, uma vez que a relação de amor e amizade que os uniu teve todas as características de um amor de transferência, em que Fliess, sem que o soubesse, serviu de analista a Freud, permitindo o encontro de dois humanos embarcados rumo ao desconhecido. Nessa viagem, como sói acontecer numa análise digna desse nome, um dos passageiros necessitou de um alter, ao mesmo tempo íntimo e estrangeiro, para poder aceder à sua própria alteridade, àquilo que ignorava de si próprio e ao que estava assujeitado.

Não deixa de ser intrigante que, apesar disso, seja um tema tão pouco trabalhado pelos analistas. Daniele Brun, em seu texto Gramática Amorosa da Amizade (2007), ressalta que a amizade responde à necessidade humana do encontro com o outro, e atribui seu interesse por esse tema tanto àquilo que encontrou na literatura quanto ao que pôde ouvir de seus pacientes. E ainda que a amizade possa se revelar tão precária quanto o amor, nos diz ela, ela nunca é unilateral como esse pode ser, pois como já ressaltou o escritor francês Michel Tournier (1986) por ela citado, "não pode haver amizade sem reciprocidade", uma vez que, na amizade, a presença de um outro que responda do exterior é obrigatória.

Existe, na vida de todos nós, uma época – a adolescência – em que a amizade é fundamental para a sobrevivência. Período caracterizado por certo desamparo, é quando a amizade acaba sendo o refúgio que permite viver e crescer. São inúmeros os romances em que nos foi dado acompanhar a partilha de sentimentos e comunhão de ideais que se formam nessa época da vida em que somos levados a descobrir e aceitar o outro enquanto objeto distinto, diferente de e ao mesmo tempo semelhante a nós mesmos. Como lembrava Dolto (1988), em seu livro sobre a adolescência que cito de memória, essa etapa precisa e prefere a amizade, precisa da crença de que a amizade exista, pois é ela que, nesse período, faz com que a vida valha a pena.

No que me diz respeito, foi também através da literatura, principalmente da chamada "literatura de testemunho", através da qual testemunhamos a humanidade destruidora de si mesma, que comecei a refletir sobre o lugar que a amizade pode desempenhar nesses momentos de profundo desamparo. Opto aqui por trabalhar com o texto de dois autores que me permitirão, assim espero, mostrar no que, a meu ver, a ética da amizade se assemelha à ética do analista.

O primeiro deles é R. Antelme, autor de *L'espèce humaine* (1957), em que, ao afirmar que "a história de cada um se faz através da necessidade de ser reconhecido sem limite: a amizade designando essa capacidade infinita de reconhecimento [...] pois reconhecer o outro é o soberano bem e não uma saída qualquer [...]" (p. 51), chama nossa atenção para a importância da função da amizade em situações-limite. O autor, ao voltar de Dachau em 45, pôde contar com a presença amiga de Dionys Mascolo, que lhe permitiu voltar à vida e a quem demonstra sua gratidão, dizendo: "É a você que eu escrevo em primeiro lugar, pois quero que você possa entreter em você... o maravilhoso sentimento de ter salvado um homem" (p.103). Como podemos constatar, nessa belíssima frase com a qual se dirige ao amigo, Antelme reconhece em Mascolo essa presença capaz de lhe responder do exterior – presença de certo modo analítica, pois, ao poder ouvir sem julgar, foi capaz de sustentar a palavra, permitindo-lhe voltar à vida.

A segunda é Margareth Bubber Newmann, autora de Milena (1986), nome da amiga a cuja amizade ela diz dever a vida. Jovem comunista alemã que se refugiara na URSS, foi entregue à Gestapo por Stalin e acabou internada no campo de Ravensbruck, onde conheceu Milena Jesenka, alguém que, segundo ela, sabia fazer falar, contar, lembrar e partilhar a dor do outro. Uma sólida amizade se estabeleceu rapidamente entre elas, descrita nos seguintes termos: "Milena soube me ajudar a me curar, ela encontrou o caminho de meu coração" (p. 20). E, mais adiante: "Uma intensa amizade é sempre um presente, um grande prêmio. Mas se temos a felicidade de vivê-la em condições tão desesperantes quanto as de um campo de concentração, ela pode se transformar na própria essência da vida. Enquanto pudemos permanecer juntas, Milena e eu conseguimos suportar tudo aquilo que o presente tinha de insuportável [...] essa amizade se tornou mais ainda: um protesto aberto contra a desumanização que sofríamos" (p. 24).

Com esses dois exemplos, selecionados entre tantos outros, quis chamar a atenção basicamente para duas coisas. A primeira, a importância da amizade em situações-limite, nas quais o amigo pode ocupar um lugar terapêutico, denominado por Jonathan Say, citado por Davoine e Gaudillère, o do *keeper of the mind*. Aqui a palavra grega *philia* assume toda a sua plenitude e remete a um laço incondicional – só os amigos podem compreender essas relações tão intensas em que a palavra fica até difícil de ser traduzida, uma vez que é mais e outra coisa que a amizade ou amor, é um sentimento tecido nesse campo do Real do qual nos aproximamos dificilmente em tempos normais.

Quanto à segunda, ela diz respeito a certos momentos de certas análises, quando a pulsão de autodestruição, o mortífero, se sobrepõe ao desejo. Nesses momentos o analista precisa, a meu ver, tomar uma parte mais ativa na análise para que o paciente possa reencontrar ali a solidariedade que

um dia lhe permitiu sobreviver, comparecendo com sua presença amiga. Essa postura não evita o trabalho analítico, apenas permite realizá-lo de outra maneira: o lugar transferencial do analista exigindo uma proximidade maior que nada tem a ver com a convivialidade, e sim com o tato. Trata-se, a meu ver, de hospitalidade, no sentido pleno desse termo, onde o analista precisa ter uma atitude que lhe permita acolher o outro, de modo a habitar o espaço psíquico de seu paciente, para que esse possa vir a se apropriar dele, uma vez que um espaço psíquico povoado de medos, destruição, solidão, só pode se tornar um lugar habitável através do espaço psíquico de um outro.

É nesse sentido que penso que as éticas da psicanálise e da amizade se entrecruzam e permitem ao analista, como a esse amigo que responde do exterior, ouvir em cada caso tanto a destruição quanto a resistência a ela, relacionando em cada caso a história individual do sujeito com a (grande) História.

Caterina Koltai
Professora aposentada da PUCSP,
psicanalista e autora do livro
"Política e Psicanálise - O estrangeiro"

Referências

Antelme, R. (1957) *L´espèce humaine.* **Paris, Gallimard**

Brun, D. A Gramática Amorosa da Amizade in *Agora*, **v.X n.2, jul dez 2007, Contra Capa, R.J.**

Bubber Neumann. (1986). *Milena*, **Paris, Seuil**

Davoine, F. e Gaudillère, M. (2006), *Trauma et Histoire*, **Paris, Stock**

Amizade e psicanálise: uma relação possível?

Embora todos nós psicanalistas concordemos em relacionar psicanálise e amor, é curioso que, quando pensamos em psicanálise e amizade, essa relação se torna problemática. A transferência, como a teorizava Freud, é uma questão amorosa por excelência. Poderíamos, no mesmo sentido, conceber a situação analítica em termos de amizade? Como entender o fenômeno da amizade para responder, positiva ou negativamente, a essa interrogação? Seria possível afirmar que a amizade, ou ao menos alguma dimensão da amizade, atravessa a terapia psicanalítica? Vejamos, então, brevemente, as teorizações sobre a amizade, para tentar articular essa modalidade afetiva com a clínica psicanalítica.

Freud pouco se deteve sobre o tema da amizade, aludindo com mais frequência à questão das fraternidades e dos laços sociais. Sabemos que Freud distingue duas correntes da vida sexual que estariam presentes no amor: a sensualidade ou amor sexual direto e a ternura ou amor de alvo inibido. Os sentimentos de amizade correspondem à segunda corrente, sendo concebidos como uma forma de amor inibido ou ternura, que teria, como pano de fundo, a rivalidade originária entre pares.

Embora, da mesma forma que Freud, não aborde especificamente o tema da amizade, Winnicott nos oferece algumas valiosas pistas para refletir, a partir de outro ângulo, sobre esse fenômeno. Teorizando sobre a capacidade de estar só, Winnicott considera que a "afinidade egoica", ou estado fusional mãe-bebê na dependência absoluta, é o substrato da amizade. Esse contato inicial mãe-bebê será teorizado, em anos posteriores, como uma forma de comunicação afetiva e íntima – a experiência da mutualidade –, baseada na confiança do bebê na mãe-ambiente, correlativa da fidedignidade do *holding* materno. A experiência da mutualidade constitui a forma mais primária de intimidade, base de todas as formas posteriores de intimidade, seja na relação amorosa, na situação analítica ou na amizade. Winnicott relaciona também a capacidade de ter amigos com a capacidade de brincar, entendendo que ambas são experiências transicionais que se desenvolvem no espaço potencial. No encontro amistoso, que tem lugar no espaço potencial, os dois amigos são, ao mesmo tempo, criados e achados, encontrados na realidade externa e também criados subjetivamente. O amigo é, paradoxalmente, um outro reconhecido como diferente e parte do mundo subjetivo.

Existe outro conceito winnicottiano – o concernimento – indispensável para pensar a amizade. No vínculo de amizade, a capacidade de concernimento significa consideração e cuidado com o outro e, principalmente, preocupação e reparação dos possíveis danos causados no amigo pela própria ambivalência. Assim, da perspectiva de Winnicott, os principais ingredientes da amizade seriam: a intimidade, o espaço potencial e o concernimento. Logicamente, a percepção do

outro como diferente de mim, o reconhecimento da alteridade, é condição para a capacidade de concernimento e, portanto, para a amizade. O laço de amizade, desse modo, consiste numa comunicação íntima e confiável, desenvolvendo-se, da mesma forma que o brincar, no espaço potencial em que o sujeito pode usufruir de sua criatividade em relação ao outro. O amigo vivencia a alegria do encontro com o outro diferente.

Para tal é necessário ter atingido a capacidade de reconhecer a alteridade e, também, a capacidade de concernimento – para impedir que as frustrações e raivas, inevitáveis, aniquilem o vínculo construído.

Com base nessas breves considerações sobre a amizade, podemos tentar estabelecer algumas articulações entre psicanálise e amizade. Vemos que a situação analítica, da mesma forma que a amizade, acontece no espaço potencial, em que o paciente pode desenvolver e enriquecer o sentimento de si mesmo, sentindo-se criativo e autêntico na comunicação com seu terapeuta. Entendo que só existe processo analítico quando se cria particular intimidade entre paciente e terapeuta, ou seja, quando se estabelece uma forma de comunicação que, sem deixar de ser explícita, é também silenciosa, verbal e não verbal, baseada na confiabilidade. Essa intimidade, própria da amizade e da situação analítica, permite ao paciente experienciar sua própria subjetividade, construindo e reconstruindo sua história singular e dando novos sentidos à sua existência. Desde esse ponto de vista, o *holding* analítico pode ser pensado como a capacidade analítica de propiciar comunicação íntima e confiável a seu paciente, capacidade muito próxima da capacidade de ter amigos. O analista, especialmente nos casos graves ou limite, tem que ter "tato", como dizia Ferenczi, o que também pode ser descrito como capacidade analítica para estabelecer e manejar a comunicação sensível e íntima com o paciente, já que justamente esses pacientes viveram falhas ambientais na constituição da experiência de intimidade dos primórdios. Em certo sentido, a situação analítica poderia ser concebida como uma forma de amizade privilegiada, curativa, do ponto de vista do paciente. Da mesma forma que na amizade, o paciente encontra no psicanalista alguém que o escuta e realiza o *holding* – em quem confia e com quem é possível ter uma comunicação íntima, condição do processo analítico.

Entretanto, como mencionamos no início, embora nenhum psicanalista duvide das relações entre psicanálise e amor, conceber a situação psicanalítica em termos de amizade seria mais difícil e arriscado.

Retornando às teorizações sobre a amizade, vemos que, tanto em Freud quanto em Winnicott, concebida seja como ternura, seja como forma de laço íntimo e transicional, a amizade forma parte integrante do amor. Perguntamos, então, quais seriam as suas diferenças. Podemos descrever algumas características próprias da amizade que a diferenciam do amor, tais como: a não exclusividade, a ausência ou contingência de desejos eróticos e a reciprocidade. Freud já apontava o caráter exclusivo da relação amorosa, teorizando como o casal apaixonado se afasta dos outros vínculos sociais. Embora os amigos possam sentir ciúme e desejar um lugar privilegiado na escolha afetiva do parceiro amigo, a amizade não exige exclusividade. Na amizade não há desejos eróticos diretos como no amor e, quando acontecem, são contingentes e tangenciais. Enquanto o amor pode não ser correspondido, a amizade exige sempre alguma forma de reciprocidade, já que aponta para uma relação igualitária. Ninguém é amigo de quem não é amigo, já que a amizade exige correspondência.

Encontramos nesse último traço da amizade – a reciprocidade – a chave para responder à nossa interrogação inicial. Na amizade, há certa correspondência, reciprocidade, simetria, enquanto na situação analítica a relação é dissimétrica. No mesmo sentido, a relação inicial mãe-bebê, que tende a se reproduzir na situação analítica, não pode ser pensada como amizade, já que existem tremendas diferenças entre a condição psicológica da mãe e a do bebê, não existindo simetria ou reciprocidade. Assim, a situação analítica não pode ser concebida em termos de amizade, porque não há reciprocidade, embora algumas dimensões da amizade, que também estão presentes no amor, perpassem os processos analíticos. Desse modo, entendo que há várias relações possíveis entre a psicanálise e a amizade – seria muito frutífero, por exemplo, refletir sobre o poder terapêutico da amizade, como foi proposto por Winnicott – mas seria um equívoco teorizar a situação analítica ou a relação transferencial como amizade.

Ana Lila Lejarraga- Psicanalista. Membro do Círculo psicanalítico do Rio de Janeiro. Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Da amizade

Um dos textos mais delicados já escritos sobre a amizade foi publicado no finzinho do século 16 por um autor que, ainda hoje, qualquer um lê com imenso gosto e interesse.

No ensaio Da Amizade, Montaigne (1533-1592) descreve sua relação com o filósofo e escritor francês La Boétie (1530-1563), ao mesmo tempo que reflete sobre um sentimento que, segundo ele, supera em duração e profundidade o amor. A afeição pelo sexo oposto, segundo ele, "é mais ativa, mais aguda, mais áspera; é uma chama temerária e volúvel".

Já o valor da amizade "estende-se a todo o nosso ser: é geral e igual; temperada e serena; soberanamente suave e delicada, nada tendo de áspero nem de excessivo". Um trecho desse ensaio de Montaigne, transposto para o contexto amoroso, é citado por Chico na canção Porque Era Ela, Porque Era Eu.

Tentando explicar por que sua amizade com La Boétie havia sido tão intensa e lhe fazia tanta falta (a convivência estreita dos dois foi de apenas quatro anos, até a morte precoce de La Boétie, aos 33 anos), Montaigne explica da forma mais simples e profunda possível: "Porque era ele, porque era eu".

Se vivesse nos tempos de hoje e, ainda por cima, trabalhasse (na remota hipótese de poder conciliar a rotina de escrever seus ensaios com a obrigação de trabalhar), Montaigne talvez dedicasse algumas linhas ao ambiente de trabalho e aos tipos de relações de amizade que ali se estabelecem.

Relações que surgem não por escolha, mas por circunstâncias mais ou menos aleatórias, e que ainda assim ocupam na nossa vida um espaço central – quem consegue dedicar à família ou aos amigos por eleição oito horas diárias de convívio, além de incontáveis almoços e cafezinhos?

Conhecemos profundamente um colega próximo de trabalho. Sabemos sua opinião sobre quase tudo, antecipamos suas reações, reconhecemos dias bons e dias ruins, sem, muitas vezes, chegarmos ao nível de intimidade que nos faz frequentar sua casa ou trocarmos as confidências, que, em geral, guardamos para os amigos de eleição.

Por essa intimidade que nem sempre se completa, os colegas de trabalho entram e saem de nossa vida sem muita solenidade, como turistas que voltam para casa depois de um longo período de estada em um país estrangeiro.

Às vezes, a convivência se encerra nela mesma, e o ex-colega entra naquele rol indistinto de pessoas que passaram pela nossa vida: colegas de escola, amigos de amigos, ex-amantes.

Às vezes, a camaradagem no ambiente de trabalho, mesmo quando não chega à mesa de bar ou à festa de aniversário, impõe uma marca que ultrapassa a própria convivência. Como se chama esse tipo de amizade? Cadê Montaigne para falar sobre ela?

Convivi com o jornalista Tuio Becker (1943 - 2008) durante 10 anos, os primeiros da minha vida profissional. Ao longo de tantos almoços, cafezinhos e dias aparentemente iguais de rotina de trabalho, fui aprendendo com o Tuio não só as lições básicas, e indispensáveis, de cinema, teatro, música e dança, mas a essência do próprio jornalismo cultural – que é respeitar (e procurar conhecer) a tradição sem nunca perder o entusiasmo pela novidade.

Tuio distribuiu generosamente sua cultura e seu bom humor até o último dia de trabalho no jornal, há sete anos, quando se aposentou.

Formou e informou todos os que tiveram o privilégio de conviver com ele ao longo de mais de 30 anos de jornalismo. Por que ele fez tanta diferença na minha vida? Porque era ele, porque era eu.

Cláudia Laitano - Jornalista

Em volta da mesa

Em volta da mesa largos olhos girando
focando, desfocando, fechando...
Brilhando!
Cruzando-se... um grande baile de olhos.
Ou então uma simples ciranda
com seus escolhidos para o meio, que saíam buscando um outro.

A amizade tramando-se nas contas do colar
Um grande colar de (olhos) brilhantes.

Caroline Milmann - Psicanalista da SBPdePA

Comissão Científica

A Comissão Científica concluiu seu primeiro semestre de atividades na Brasileira. Um momento de bastante fertilidade. Iniciamos o ano dando continuidade à atividade "A Brasileira na Cultura 2012", em parceria com a Livraria Cultura, com o tema: "Os Sete Pecados Capitais: As Várias Faces do Desejo", um sucesso, prestigiada por convidados especiais e um público participativo. Até agora foram apresentados os pecados da Gula, Preguiça, Luxúria e Ira. Para o segundo semestre, teremos a Inveja, a Soberba e a Avareza.

No mês de junho, aconteceu a Jornada "Lacan na IPA", com a coordenação eficiente dos colegas Leonardo Francischelli, Laura Ward da Rosa e Fernando Kunzler, promovida pela Brasileira em conjunto com a SPPel e SPPA. Outra atividade científica de sucesso promovida pelo Núcleo de Vínculos e Transmissão Transgeracional, com o apoio da Comissão Científica, foi a jornada em homenagem ao renomado psicanalista Isidoro Berenstein, recentemente falecido, que contou com a psicanalista argentina Sonia Kleiman, como convidada especial.

Realizamos, junto com o CAP, a primeira Reunião Científica, com a discussão do caso clínico apresentado pela colega Magda Walz e comentado pela colega Eliane Nogueira.

Promovemos, em junho, o primeiro "Pensando Juntos Sobre", com o tema "Coraline: Sobre o Saber e o Não Saber", atividade organizada pelos coordenadores de todos os Núcleos e Grupos de Estudos da Brasileira, que, pelo resultado bastante positivo, entusiasmou a todos a seguirmos com o segundo, que acontecerá em outubro.

Igualmente animadora foi a reunião científica com o NIA, com o tema "Observação da Relação Pais-Bebês" com as convidadas Dra. Ivanosca Martini e Dra. Ester Malque Litvin.

Durante estes sete meses, também estivemos muito envolvidos na organização da nossa X Jornada Científica, que ocorrerá nos dias 16, 17 e 18 de agosto, com o tema: "Mudança Psíquica: Construções no Percurso Analítico". Entusiasmados com a escolha de nosso convidado, o psicanalista italiano Dr. Franco Borgogno, autor dos livros "A Psicanálise como Percurso" e a "Entrevista de Vancouver", realizamos três encontros de Estudos Preparatórios para a Jornada. Criamos Oficinas de Leitura dos textos deste autor publicados em nossas revistas. A primeira, coordenada pela colega Ana Rosa Trachtenberg; a segunda, pelo colega Celso Halperin; e a terceira, pela colega Beatriz Behs. Também realizamos o lançamento oficial da Jornada, com dois encontros preparatórios, um deles uma videconferência com as colegas Ana Rita Nuti Pontes e Luciana Torrano, da Sociedade Brasileira de Psicánanálise de Ribeirão Preto, e com a colega Eluza Enck. Após, aconteceu uma Mesa Redonda: "Mudança Psíquica: o que muda e quem muda?" com a participação de colegas de Instituições coirmãs: CEPdePA, SPPel, CEAPIA, IEPP. Em 04 de agosto, realizamos o último encontro preparatório, com a Mesa Redonda "Mudança Psíquica: fenômeno ou processo?", com colegas de outras Instituições coirmãs: SPPA, Contemporâneo, FUMM, Bion, ITI.

Astrid Ribeiro - Diretora da Comissão Científica

Agenda

06/08 – Oficina de Leitura – "Encontrar Bion: *Cogitations*, um Novo Diário Clínico"
16, 17 e 18/08 – X Jornada – "Mudança Psíquica: Construções no Percurso Analítico"
29/08 – A Brasileira na Cultura - "Os Sete Pecados Capitais: As Várias Faces do Desejo – Inveja"
01/09 – "A Escola Francesa após a ausência de Green, McDougall e Laplanche"
14 e 15/09 – "O Material Pré-Verbal na Sessão Analítica", com a Dra. Virgínia Ungar
26/09 – A Brasileira na Cultura – "Os Sete Pecados Capitais: As Várias Faces do Desejo – Soberba"
28/09 – Lançamento do Livro "Novos Tempos, Velhas Recomendações", de Ignácio Paim Filho e Lísia Leite
19/10 – "Pensando Juntos Sobre", 2ª edição
24/10 – A Brasileira na Cultura – "Os Sete Pecados Capitais: As Várias Faces do Desejo – Avareza"
26/10 – Reunião Científica Clínica – CAP

Movimentos

• Promoção para Membro Didata: Laura Ward da Rosa
• Promoção para Membro Titular: Eluza Maria Nardino Enck
• Promoção para Membro Associado: Eliane Grass Ferreira Nogueira e Nelson Asnis

Novos Membros do Instituto:
Fábio Martins Pereira, Peter G. Martins de Martins
Simone Skolaude Donicht

Membros concluindo formação teórica:
Luciana Saraiva Schmal, Sandra Fagundes

Membro concluindo formação em Infância e Adolescência:
Astrid E. Müller Ribeiro

• Desde o ano 2010, Ana Rosa Chait Trachtenberg faz parte do *Sponsoring Committee* do Grupo de Estudos da África do Sul, junto aos colegas Samuel Zysman (Buenos Aires, Argentina-Chair) e Kimberley Larry (Boston, EUA). O trabalho vem sendo desenvolvido através de duas visitas anuais, às cidades de Johannesburgo e Cidade do Cabo, alternadamente. "É uma grande honra poder contribuir para o desenvolvimento da primeira sociedade do continente africano ligada à IPA, tanto como membro fundador da SBPdePA quanto do ponto de vista da experiência pessoal", afirma a psicanalista que participa, ainda, do Comitê de *OUTREACH* da IPA, cujo *Chair* para América Latina é Plínio Montagna, da SBPSP.

- Ana Paula Terra Machado é atualmente Diretora do Conselho Profissional da FEBRAPSI
- Beatriz S. Behs é atualmente membro do Conselho Profissional da FEBRAPSI
- Ester Malque Litvin é atualmente membro da Comissão de Divulgação da FEBRAPSI

• Com satisfação anunciamos que foi aprovada pelo Instituto de Psicanálise da Brasileira a inclusão do Seminário de Observação da Relação Pais-Bebê (ORPB) no currículo da Formação Psicanalítica de Infância e Adolescência. O seminário estará sendo realizado a partir de 08 de agosto, no horário de 08h30min a 09h45min, e será coordenado por Ester Malque Litvin.

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre

X JORNADA CIENTÍFICA

Mudança Psíquica: Construções no Percurso Analítico

Convidado

Dr. Franco Borgogno

Psicanalista da Sociedade Psicanalítica Italiana

Para informações e Inscrições
(51) 3333.6857 ou
secretaria@sbpdepa.org.br

Candido Portinari, Meninos Pulando Carniça - 1957

Programa da X Jornada

16.08.2012 (QUINTA-FEIRA) Atividade Interna na Sede da SBPdePA

10:30 | 11:45 **Diálogos com Dr. Borgogno sobre: "A Via de um Percurso de Formação Psicanalítica"***
Atividade com os candidatos e Membros da SBPdePA e SPPEL
Dra. Christiane Paixão, Dr. Ricardo Azevedo Silva
Coord: Dr. Flávio Roithmann

12:15 | 14:00 **Supervisão Clínica***
Exposição Clínica: Dra. Magda B. Martins Costa
Dr. Franco Borgogno
Coord: Dra. Marlise Albuquerque
*Exclusiva para Candidatos da SBPdePA e SPPEL

16:00 | 19:00 **Mini Curso (Mediante Inscrições)**
"Ferenczi e Winnicott: Vínculo Parcialmente Perdido da Alma"
Dr. Franco Borgogno
Coord: Dra. Caroline Milman

20:00 | 20:15 **Abertura Oficial**
Dra. Helena Ardaiz Surreaux, Dra. Astrid E. Müller Ribeiro,
Dra. Mayra Lorenzoni e Dr. Franco Borgogno

20:15 | 22:00 **I Conferência**
"No Coração e na Mente de Si Mesmo e do Outro: O Percurso do Analista de Hoje entre a Tradição e a Criatividade"
Dr. Franco Borgogno
Coord: Dra. Helena Ardaiz Surreaux

17.08.2012 (SEXTA-FEIRA)

08:30 | 11:00 **Temas Livres**
Coord: Dra. Christiane Paixão e Dra. Katya Araújo

11:00 | 12:30 **II Conferência**
"Spoilt Children: Crianças Mimadas ou Privadas"
(Atividade Aberta à Comunidade)
Dr. Franco Borgogno, Dra. Ana Rita Nuti Pontes (SBPRP) e Dra. Eluza Nardino Enck
Coord: Dra. Mayra Lorenzoni

14:00 | 16:00 **Mesa Redonda "As Condições de Mudança Psíquica"**
Dr. Franco Borgogno , Dra. Ana Rosa Chait Trachtenberg (SBPdePA) , Dr. José de Matos (SPRJ), Dra. Ana Rita Nuti Pontes (SBPRP) e Dr. José Luiz Meyer (SPPEL)
Coord: Dr. Newton Maltchick Aronis

16:15 | 18:00 **Supervisão Coletiva "A Clínica da Criança"**
Exposição Clínica: Dra. Mayra Lorenzoni
Dr. Franco Borgogno
Coord: Dra. Ane Marlise Port Rodrigues

18:15 | 20:00 **Painéis**

Sala Cambará **"Qual a Natureza da Mudança Psíquica?"**
Prof. Júlio Bernardes (Filósofo),
Dra. Maria Sônia Göergen (Neurologista)
Dr. Marco Aurélio Albuquerque (Psicanalista)
Dr. Marco Aurélio Pires Idiart (Físico)
Coord: Dra. Laura Ward da Rosa

Sala Paineira **"Mudança Psíquica em Freud, Lacan, Bion e Winnicott"**
Dra. Silvia Skowronsky
Dr. Roberto Graña
Dra. Beatriz Behs
Dr. Celso Halperin
Coord: Dr. Leonardo Francischelli

Sala Itapema **"Mudança Psíquica: O Que Muda e Quem Muda?"**
Dra. Vera Maria H. Pereira de Mello
Dr. Gley Pacheco Costa
Dr. Luiz Gonzaga Brancher
Dr. Gildo Katz
Coord: Dr. José Ricardo Pinto de Abreu

20:15 | 22:00 **III Conferência**
"Tornar-se uma Pessoa: A Importância da Resposta Afetiva do Analista aos Sonhos de uma Paciente Esquizóide que Sofreu Privação"
Dr. Franco Borgogno
Coord: Dr. Lores Pedro Meller

18.08.2012 (SÁBADO)

08:45 | 10:30 **Supervisão Coletiva "A Clínica do Adulto"**
Exposição Clínica: Dr. José Francisco Rotta Pereira (SPPEL)
Dr. Franco Borgogno
Coord: Dra. Patrícia R. Menelli Goldfeld

10:45 | 12:30 **Vídeo Conferência "A Diferença em Processo"**
Lançamento da Revista vol.14, nº1
Dra. Marisa Punta Rodulfo (UBA)
Coord: Dra. Ester Malque Litvin

14:00 | 16:00 **Diálogos com Dr. Borgogno**
(Representantes de Instituições Psi de Porto Alegre)
Coord: Dra. Astrid E. Müller Ribeiro

16 horas **ENCERRAMENTO**

Apoio

SPRJ · Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto · SPPel Sociedade Psicanalítica de Pelotas · FEBRAPSI Federação Brasileira de Psicanálise · FEPAL

Patrocínio

CAPSA - IPA 1910 - 2010 The Next 100 Years